REVISTA CATHARINENSE

ASSIGNATURAS :

SEMESTRE 5\$000

REDAÇÃO E OFFICINAS

Rua Conselheiro Jeronymo n. 1

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cultura do linho

Em Santa Catharina

Esabido que a cultura do linho já occupou logar proeminente na terra catharinense e que depois foi abandonada, como muitas outras.

Em 1833, querendo o Ministro da Marinha, que então era Joaquim José Rodrigues Torres, reviver a cultura de tão preciosa e util planta, para fornecer a Cordoaria da Marinha das fibras necessarias ao fabrico de cabos para os navios da Armada, remetteo ao presidente de Santa Catharina, Feliciano Nunes Pires, certa quantidade de semente de linho, afim de ser distribuida pelos agricultores.

Dessa incumbencia desobrigou-se o presidente e, em officio de 26 de Março de 1834, dizia áquelle ministro: «Tendo distribuido pelos lavradores de diversos districtos, e por alguns colonos allemães, a semente que V. Ex^a. me remetteo com o Aviso de 10 de Maio de 1833, somente um dos ditos lavradores me apresentou o producto que tivera; sendo apenas quatro libras, que nesta occasião remetto a V. Ex^a. pelo paquete *Itaparica*. O mesmo lavrador reconheceo ser mesquinho e de má qualidade esse producto, o que attribue a ser a semente lançada á terra mais tarde do que devera ser, dando como prova disso o ter abundado em linhaça; o que sou informado de ter acontecido a outros, que dão a mesma causa, pelo que tencionam semear este anno mais cedo a semente que colheram. Devo, porém, dizer a V. Ex^a. que, tanto os nossos lavradores, como os colonos, convêm em que a planta não é canhamo, mas sim uma especie de linho commum: e accrescentam que o canhamo aqui conhecido é o que vulgarmente chamam pango, que supponho ser o *Cannabis indica*, que passa por pouco abundante em fio, e que pela sua qualidade narcotica é muito usado em fumo pelos africanos, com deterioração de sua saude; pelo que fogem

geralmente os lavradores de o cultivar. Quando, pois, á V. Ex^a. parecesse mandar-me outra semente, bom seria que não fosse desta especie. — Deos Guarde V. Ex^a. — Cidade de Desterro, em 26 de Março de 1834. — Illmo. Exmo. Snr. Joaquim José Rodrigues Torres. — (Assig.) *Feliciano Nunes Pires.* » Submettida a amostra do linho ao Director da Cordoaria, foram manufacturadas linha de barca e fio de vela, e sobre o producto manifestou-se elle em officio de 27 de Maio de 1834 ao encarregado do Quartel General, capitão de mar e guerra Francisco Bibiano de Castro, nos seguintes termos : — « A amostra do linho galego, que veio de Santa Catharina, produzio o fio de vela e linha de barca que remetto a V. S. E' algum tanto mais fraco do que o fabricado de canhamo, porém fazendo conta á Nação continuar-se a fabricar deste linho, emquanto não ha canhamo, é preciso advertir aos compradores que deve vir com todo o comprimento e não cortada a estriga pelo meio, como vinha a amostra em questão, e por essa razão diminui muito ao passar pelo restello : o linho julgo de boa qualidade e com a fibra inteira pôde muito bem suprir a falta do canhamo nos objectos de fio e linha branca. — Deos Guarde V. S. — Cordoaria Nacional e Imperial, em 27 de Maio de 1834. — Illmo. Snr. Francisco Bibiano de Castro. (Assig.) *Pedro Borges Corrêa de Sá.* »

Tendô, por Aviso do dia 28 do mesmo mez, mandado o ministro calcular approximadamente o preço por que se poderia comprar o quintal do linho galego, apresentou o Director da Cordoaria o seguinte orçamento :

Calculo approximado do que produz um quintal de linho galego manufacturado na Cordoaria Nacional e Imperial.

Em 128 libras de linho têm-se de quebra no restello e polimento 24 libras. Restam 104 libras, que se reduzem : 80 a fio de vela e 24 á linha de barca.

Para manufactura dos mencionados objectos são precisos quatro operarios de diferentes classes, que vencem em 20 dias 33\$600 réis. Dando-se ao fio de vela o valor de 720 réis por libra, importa em 57\$600 réis; e á linha de barca o de 500 réis, temos 12\$000 réis ; sommando as duas parcellas 69\$600 réis ; dos quaes subtrahindo o valor de mão de obra. — 33\$600 réis. — fica liquido para o preço a quantia de 36\$000 réis. — (assig.) — *Pedro Borges Corrêa de Sá.* »

H. Boiteux

Na bibliotheca do Vaticano ha uma biblia que peza 260 kilogrammas.

Ô MAR CATHARINENSE

(Continuação da pag. 334)

Ô Minhocon

O efeito destruidor das aguas marinhas sobre determinado ponto da nossa costa deu origem a uma lenda, ainda em voga. Entre os pescadores de S. Francisco é crença que um animal estranho, de fórmas agigantadas, sahindo em determinadas epochas do seio das ondas, ataca e destrue as ribas marinhas daquellas cercanias.

Largos e profundos sulcos, fossas enormes, desmoronamentos imprevistos apparecem ás vezes nas praias como a demonstrar a passagem, o rastro, de um animal de grandes proporções.

E' o *minhocon* ou *minhocão*. Dizem ter a fórma de uma desmedida serpente, voraz, bravia, cujo aspecto aterrorisa...

Desse animal phantastico li uma referencia em um moderno discurso de Ruy Barbosa, mas como sendo elle terrestre e não marítimo. O illustrado professor H. Fontes confirmou-me a existencia dessa lenda em nosso sertão e proporcionou-me o prazer da leitura do poema "A Atlantida.", do catalão P. Jacintho Verdagner, em que no canto VIII se lê:

« O minhocão enorme,
ao ver entrar a luz nas furnas em que dorme,
por entre escombros sae e os monstros que na terra
habitam e no mar com seu furor aterra! »

Em nota, diz: « *Minhocão*... Terriveis historias deste animal circulam no Brazil, terra naturalmente vizinha da Atlantida, revestidas de um character, sobre todo o encarecimento, maravilhoso. Dizem que habita as montanhas meridionaes daquellas regiões, e os que julgam tê-lo visto, attribuem-lhe um comprimento de duzentos e cincoenta palmos por vinte e cinco de largura; attestam mais que anda coberto de uma como couraça de ossos, arranca pinheiros com tufos de musgo, muda, a seu talante, o curso dos rios, convertendo as planicies em lagôas. »

Ô Mar que edifica

O mar não é somente um tresloucado demolidor; é, tambem, um paciente constructor. Tudo que desaparece aos nossos olhos sepultado nas aguas profundas do Oceano vae depositar-se em seu mysterioso leito.

Camadas e camadas de materiaes diversos se succedem em sobreposição até que, num futuro mais ou menos remoto, quer pela quantidade reunida, quer por algum movimento tellurico, alcan-

çam o nível das aguas e muitas vezes o sobrepujam, originando bancos e corôas.

O movimento das aguas, produzido pelas marés, pelas correntes e auxiliado pelos ventos, accumula ao longo das costas abertas e baixas grande quantidade de areias que, pouco a pouco, se avolumam e, impelidas pelas correntes aereas, se amontoam em comoros, dunas, etc. A' foz dos rios todo o material transportado pela corrente ao contacto das aguas oceanicas se deposita e, vagarosamente, vae construindo os pontaes. "Estes cordões de areia ao longo da praia — as restingas — que ás vezes se repetem em series paralelas, criam, terra a dentro, lagunas e largos canaes de aguas quasi estagnadas, onde'a sedimentação pelas aguas affluentes se opera muito rapida. Nas praias de maior declividade, a onda inferior de retorno arrasta o material da costa e o deposita formando longas restingas, que depois chegam á superficie e representam o mesmo papel dos cordões littoraes cercando ou protegendo depressões alagadas de facil aterramento, nos diz Gonzaga de Campos ». Na costa catharinense temos innumerous pontos, faceis de verificar, que attestam o trabalho constructor do oceano.

Ilhas e articulações

O Atlantico é relativamente muito pobre em ilhas, comparado com os demais oceanos, principalmente no hemispherio austral. O mesmo facto se observa quanto ás articulações; ao norte a costa é mais entretalhada: innumerous golphos, enseadas, mares interiores, etc.; do equador para o polo sul, porém, as costas são mais regulares. As aberturas do Atlantico occupam 17 % e as ilhas 0,05 % da sua supeficie total.

Em capitulo separado trataremos detalhadamente das articulações da costa e das ilhas catharinenses.

Fauna e flora

A' fauna e flora do Atlantico catharinense dedicamos outrosim um capitulo especial.

○ adormecer do mar

«As aguas tambem dormem...» diz o nosso povo ribeirinho, na sua crença simples, cheia de ingenuidade e de poesia. Quando a noite vae alta, quando a Natureza, envolta no seu manto de crepe, de dobras prenes de sombras e de mysterios, se recolhe á paz e ao silencio; quando todos os seres, embriagados de luz, mergulham no mutismo da terra, o Mar, o vasto Mar bravio e irrequieto, tambem succumbe á fadiga, cae em prostração e põe-se a

adormentar. As suas aguas rebeladas vão se amansando, as cristas empinadas das vagas se amolentam, os seus dorsos se arredondam e, pouco a pouco, mansa e imperceptivelmente, se vão acalmando.

Apenas ondulações longas, aplainadas, pouco ruidosas, sem folas nem quebraças, chegam ás praias alvinitentes. E' o mar que toscaneja ...

Todos os arruidos vão cessando. O leve e regular movimento das ondas dá a impressão de um calmo arfar.

E' o mar que dorme ...

Brilha no espaço a lua, estendendo sobre as escamas polidas do monstro adormecido, qual alvo lençol de linho, o seu clarão opalino.

O Mar resona ...

De longe em longe estua na praia uma vaga como um murmurio de phrases confusas.

E' o mar que sonha ...

Em redor, no espaço, na Terra, uma calma mésta, um almo silencio se propaga. E o Mar dorme, dorme ... Deixal-o dormir; não perturbeis o somno do gigante.

Caluda! Guai de quem o acorda ...

Ô despertar do Mar

A noite é silente. Uma paz profunda se transmite aos seres e ás cousas que a Natureza, a grande mãe carinhosa, em seu tepido regaço conchega. As praias brancas — fôfas e macias almofadas — recamadas de desenhos bizarros, de conchinhas roseas e das caprichosas volutas de buzios e caramujos, servem de recosto ao Mar, no seu curto e agitado somno.

Tudo é calma e socego ...

O Zephiro, criança travessa e matinal, fugindo dos braços d'Aurora, que de despeito enrubece, vem zombar do monstro adormecido, arripiando-lhe o dorso esverdinhado. O Mar sente um calefrio; agita-se, estremunha.

Eriçam-se-lhe as escamas prateadas, babuja e pôe-se a rugir.

A Aurora desvenda á immensidade os seus roseos arcanos ...

Zephiro, sempre zombeteiro, com maldosa impertinencia, mais e mais fustiga, eriça, encrespa o escamigero dorso do Mar somnolento.

Elle se contorce, vibra, uiva, estronda, arremette em contrações de felinos; atira-se encolerizado ás ribas fragosas, aos penhascos da costa; empina-se, empola-se, urra e, omnipotente, desfaz-se em espumas.

A Natureza se atemorisa.

O silencio transmuda-se em rumor. A floresta vibra com o ruido multiforme dos pios dos passaros assustadiços, dos gritos das feras amedrontadas, dos zumbidos dos insectos fugidios. Um vago terror mysterioso invade o espaço, dominando os seres e as cousas. E' o Mar que desperta...

○ Mar sagrado

Ha, entre o nosso povo, uma vaga e singela crença de ser *sagrado* o salso elemento. Encontrei por vezes, em expressões e poesias populares, o qualificativo acima decorando o velho Mar bravio.

Diz uma conhecida quadrinha :

« Fazem tres dias que érro.

Chorando á beira do mar ...

A's aguas do *Mar sagrado*.

E' a quem me vou queixar! ... »

Em uma "Oração contra o Ar", usada pelos curandeiros e benzedores, encontra-se a mesma imagem.

Qual a origem dessa crendice ?

Será, por acaso, uma quasi apagada reminiscencia hellenica, pelaga, phenicia? Não foi o mar o berço venturoso de Amphitrite, não foi elle o dominio de Pontus, de Poseidon, de E'a, de Nep-tuno, de Nicksa e de tantos outros deuses de antigos povos? Não eram as aguas um dos quatro elementos primordiaes, adorados em remotas idades ?

Será pelo sal que o Oceano contêm, symbolo da eternidade e consagrado á sabedoria pela sua incorruptibilidade? Haverá uma erronea applicação do termo: *sagrado* por *salgado*? Será porque a vaga amára vem servindo de campo-santo a milhares de homens ?

Quem nol-o dirá?!...

A vingança do Mar

Uma vez, ha muitos annos, fui conversar com o Mar. O velho amigo, muito em segredo e desfeito em lagrimas, contou-me um trecho de sua agitada e tragica vida. Como nota interessante para a sua futura historia não posso deixar de transcrevel-o aqui, quebrando as normas da discreção.

Contou-me elle o seguinte :

— « Em remotissimos tempos, no reinado de Jupiter Tonante, era eu moço fidalgo do Olympo. Entre as damas de honor da côrte

celeste destacavam-se pelos seus peregrinos encantos a Terra e a Lua. A Terra amava-me perdidamente, mas todo o meu amor era pela Lua, magica creatura de vinte annos. Eu vivia a cantar a seus pés. Ella, muito linda, muito arrebatadora, colhia flôres nos jardins do céu e toucava-me os cabellos e as faces de petalas olorantes e de beijos capitosos. Esse innocente e doce amor não era, infelizmente, visto com bons olhos por Juno, a soberba e cruel rainha do Æmpyreo, que tinha maior predilecção pela Terra. E Jupiter, pae dos deuses e das cousas, influenciado por ella, impôz-me casamento com a Terra. Implorei, mostrei-lhe a minha grande afecção pela bella Selene; mas elle, inexoravel, não cedeu. Nem as minhas lagrimas o demoveram. Não pude mais supportar aquella affronta; revoltei-me, então, terrivel, allucinado e, ameaçando-o de punhos cerrados, bradei: — « Nunca, nunca, miseravel! . . . ». Jove, o fero Jove, fitou-me sinistramente e, com um sorriso sarcastico, atirou-me estas palavras: — « Então, tens a ousadia de te revoltares, porque quero unir-te á mais bella mulher de minha côrte, á Cybele encantadora, de seios turgidos e de carnes roseas e palpitantes? »

— « Sim, disse eu. Amo a innocencia, a singeleza, a meiguice da Lua. Ella é tão mimosa, tão franciza, tão terna; tem os olhos profundos e scismadores e os labios tão finos e carminados. . . »

— « Não, continuou Jupiter; debes desposar a Terra, porque ella te ama e . . . eu ordeno, comprehendes? Ella será tua para sempre » .

Avalia, mortal, avalia bem o peso da minha desdita. Tombei fulminado. A minha pobre Lua, ao saber da resolução de Jupiter, enlouqueceu; e a pobresinha anda hoje pelos vastos salões do Olympo a carpir, a penar.

Já não me conhece mais a misera criança, na sua inconsciencia da vida. Não vês, quando ella vagueia pela amplidão, como eu me torno quieto, silencioso e soluço baixinho? E' para a não sobresaltar . . .

Não sentes o orvalho que cae ?

São as lagrimas da minha amada . . .

Não vês as estrellas pelo azul dispersas? São as suas joias . . .

Ella é triste e macilenta. No seu rosto descarnado já a morte se retrata . . .

Ah! infame Jupiter! . . . Além da demencia que a martyrisa, a tuberculose a devora. Não vês como as estrellas do mar são vermelhas? São as hemoptysis da Lua . . .

Deixemos a infeliz, desolada e pallida correr louca, pelos domínios do céu, e julga o meu castigo.

E' horrivel este martyrio !...

Jupiter ordenou ... e a Terra sacrificou-se ao amor. E eu, nú, viril, sanguineo, louco, fui amarrado sobre o corpo macio, lactescente e calido da Terra; sobre um corpo que se extorcia e vibrava com gemidos de abandono e volupia; eu, ligado a um corpo que me procurava e me procura ainda, mas que lucto por evitar, que me repugna. Ao sentir-me acorrentado sobre essas carnes vis, quasi enlouqueci de dôr.

Injurei Jupiter e todo o Olympo, e na minha sanha feroz de uma revolta desmedida, magoei horrivelmente a Terra.

Ah! como é triste tudo isso ...

Cansado de lutar em vão por me desprender dos liames que me retinham, adormeci profundamente. Sonhei ... E com quem havia eu de sonhar? Com a Lua, a minha terna amante. Parecia-me tel-a entre meus braços possantes: beijava-a ternamente nos olhos, na bôca vermelha, nos negros cabellos, nos seios de alabastro e ... sentia-me ditoso.

Acordei. Como foi horrivel o meu despertar ... Eu tinha os braços enlaçados á Terra, os labios unidos a seus labios, o corpo bem ligado a seu corpo. Brincava-lhe no semblante um sorriso feliz e nos seus olhos fatigados uma magica ternura. — « Tu me amas, agora? » disse ella, medrosa.

— « Quem? eu, amar-te, a ti, ladra do meu amôr?! ... » E, revoltado, cuspi-lhe nas faces.

Passaram-se os dias, longos dias de rebelião e de amargura, e cada minuto que se passava eu sentia avolumar-se o ventre de Cybele. Ella chorava com dôres, eu ria de escarneo.

A' proporção que aquelle ventre crescia, tornando mais intimo o contacto com as minhas carnes, eu fazia esforços inauditos para delle me libertar; mas em vão.

Um dia senti movimentos extranhos naquelle ventre; experimentei a sensação de uma outra vida a gerar-se e tive a certeza desanimadora de que ia ser pae. Ser pae! ... Sim; pae involuntario, pae que odeia aquelle fructo que germinara e crescia, pae que abominava aquella carne fecunda ... Miseria! ...

Veio-me o sinistro intento de esmagar, nas proprias entranhas maternas, aquelle embrião que desabrochava. Tentei fazel-o, não me condoendo das lagrimas da Terra.

Jupiter, porém, annullou o meu proposito. Cybele ia, allim,

conceber. O pae dos deuses fizera correr uma cortina de nuvens pelo firmamento para que a Lua, a virgem louca tuberculosa, não visse abrolhar o fructo da minha união involuntaria com a sua rival. A Terra começou a gemer e a estorcer-se; todo o meu corpo reflectia os seus desordenados movimentos. Calei-me, fiquei queado, sinistro e concentrado, ruminando a minha vingança. Um odio terrivel percorria-me as veias e dilacerava-me profundamente a alma. E ella chorava, tinha convulsões violentas e, a cada movimento que fazia, os meus membros se magoavam com a torção das lianças que a ella me prendiam.

Esperava com ancia que nascesse o ser maldito, para esmagal-o com furia, para tortural-o entre o meu peito herculeo e os far-tos pomos da Terra. Queria reduzil-o á materia impalpavel; desejava que não restasse o minimo vestigio do meu peccado inconsciente. Ah!... cerrei os olhos para não vêr. De repente a Terra experimentou uma convulsão horrivel; e um grito estridente e angustioso encheu o espaço.

Vagidos tristes me fizeram estremecer. Abri os olhos e vi um lindo e robusto casal de crianças a chorar.

Atirei-me a elle para trucidal-o com todo o meu odio selvagem. Jupiter protegeu-o; eu o amaldiçoei...

E do alto, com um sorriso zombador, vergastava-me o dorso nú com lategos de luz. — « Que dizes, mortal, do meu tormento? » ... O meu lutar é sem tréguas, a minha revolta é eterna, como eterna é a separação da mulher amada. Não ha dôr comparavel á minha... E sabem quem foram aquellas crianças? Foram os primeiros entes, o Adão e Eva da tua Biblia... Não pude tragal-os porque Jove se oppôz; mas, mesmo assim, sempre que posso, arrebatu os seus descendentes e os afogo no meu seio. Eis a minha vingança... E' tragica, não é?! mas é preciso que seja assim... Jupiter o quiz...

Vae, mortal, vae. Já conheces o meu segredo... Afasta-te de mim e dize aos teus irmãos, os homens, que fujam, fujam sempre das minhas iras... »

Lucas A. Boiteux

Os japonezes cultivam nada menos de 269 variedades de chrysantemos : 87 brancos, 63 amarellos, 62 vermelhos, 31 rosados, 12 castanhos e 14 de cores mescladas.

As flores venenosas são quasi sempre bellas nas côres e agradaveis no perfume.

Os Farrapos em Santa Catharina

Chronica da guerra civil no Rio Grande do Sul
pelo Capitão Tobias Becker

1835 A 1840

CAPITULO VII

(*Continuação da pagina 309*)

A Assembléa Provincial. — Bento Gonçalves e o combate do Panfá. — Os bugres. — Falta de officiaes na Côte. — As fortificações de Santa Catharina. — O novo presidente Machado. — Anda Sepulveda e seus companheiros. — Menores para os Arsenaes. — Novos uniformes. — Os bugres no Itajahy. — Os reformados.

O estado precario da provincia de Santa Catharina era tal que a Assembléa Provincial nem casa tinha para celebrar as suas sessões. Eram ellas realizadas na parte posterior do sobrado occupado pela cadeia publica, local que, sobre ser exiguo, era indecoroso, por ser ali onde se reunia o residuo da sociedade e da miseria humana... Mas a deficiencia de recursos não permittia a aquisição de um edificio adequado.

Em vista disso a Assembléa, pela lei nº. 47, autorisára a sua commissão de policia a alugar uma casa particular para aquelle fim, mas como nenhuma se achava em condições, lembrou-se a commissão do salão do quartel do Campo do Manejo, onde outr'ora estivera o hospital da guarnição da provincia. Com pequena despeza poder-se-ia apromptal-a decentemente, e como se achasse aquelle salão sem applicação alguma e caminhando para a ruina, e ao mesmo tempo sendo urgente a desoccupação do predio onde se achava a Assembléa installada, officiou o presidente della ao presidente da provincia, em 13 de Outubro de 1836, pedindo-lhe para que dêsse as necessarias ordens afim de que fosse entregue aquelle edificio á dita commissão, para que ella em tempo podêsse proceder ás obras necessarias e mais aprestos precisos para o fim destinado.

Annuindo Livramento a esse pedido, officiou logo no dia seguinte, 14, ao Ministro da Guerra, pedindo approvação para esse

acto, e o Ministro respondeu-lhe, por aviso de 9 de Novembro, declarando aprovar essa medida, mas com character temporario, pois que, voltando a tropa, e sendo preciso o quartel para alojar-a, necessario seria que fosse então desoccupado. Importantes acontecimentos se passavam no Rio Grande. Nos dias 2, 3 e 4 de Outubro um sangrento combate se déra na ilha do Fanfa, onde os republicanos foram completamente derrotados, cahindo seu chefe Bento Gonçalves em poder dos imperiaes.

Além desse chefe e seu secretario, que era o conde Livio de Zambecarri, tambem fôra aprisionado o valente coronel Onofre.

Logo após á capitulação, na manhã de 5 de Outubro, foram os prisioneiros conduzidos para Porto Alegre, sendo collocados grilhões em todos, com excepção de Bento Gonçalves.

De Porto Alegre seguiram os prisioneiros para bordo de uma presiganga, ou velho navio, surto no porto, que servia de prisão a criminosos de toda especie.

Dali foram depois transportados para bordo do patacho de guerra *Venus*, que zarpou para o Rio de Janeiro no dia 22 de Outubro, chegando a este porto no dia 9 de Novembro. Immediatamente foram encarcerados na fortaleza de Santa Cruz. Na prisão entraram elles com toda altivez e dignidade de verdadeiros martyres da liberdade. Bento Gonçalves trajava, então, uma casaca militar de panno verde garrafa, com dois furos nas costas, produzidos por uma bala, que felizmente não o offendera.

No Itajahy, de novo começaram a apparecer bugres, que foram batidos pelos moradores da colonia, capitaneados pelo major Agostinho Alves Ramos e o tenente José Ignacio Borges.

O decreto de 25 de Abril desse anno creava secções de pedrestes, especie de organisação de policia rural; o artigo 2º. desse decreto dizia que poderia existir tantas secções quantas pudesse o presidente crear, em vista da quantia que para essa despeza fosse annualmente votada; mas o estado financeiro da provincia não permittia taes despezas.

Sendo necessarios na Côrte alguns officiaes avulsos, mandou o Ministro da Guerra, em aviso de 21 de Novembro de 1836, que o presidente de Santa Catharina lhe enviasse um capitão, dois tenentes e quatro alferes de bôa conducta e robustos, bem como um cirurgião e um ajudante de cirurgia.

Tres dias depois dava o Ministro ordem para demolir os fortes de São Luiz e S. Francisco Xavier.

Da Vaccaria, o Juiz de Paz Quintiliano fôra á Lages engajar alguma gente para pegar em armas em favor da legalidade. Mas não conseguira os seus intuitos em vista da opposição dos habitantes, do vigario e autoridades daquella villa, que chegaram a ordenar ás guardas, que guarneciam os passos da fronteira, não consentissem a passagem de homens armados por aquelles pontos.

Queixou-se Quintiliano a Araujo Ribeiro em 22 de Novembro de 1836, o qual immediatamente officiou nesse sentido ao presidente de Santa Catharina.

Vou descrever resumidamente o estado das colonias de Santa Catharina antes de finalizar o anno de 1836. Na colonia do Itajahy já estavam distribuidas vinte e nove datas, ou lotes de terras, quando os colonos começaram a abandonal-a, em consequencia de correrias de bugres.

Nesse anno, o governo concedera terras devolutas a Christovam Bonsfield, Carlos Demaria e Henrique Schutel, no Rio Tijucas Grande, para nellas estabelecerem colonias. As primeiras passaram para o poder de Vells, Pedrich & Gonçalves, que as destinaram para uma serraria movida por forças hydraulicas, e as segundas foram destinadas, desde o começo, para uma colonia agricola.

As resoluções da Assembéa Provincial, de 21 e 23 de Julho de 1836, concederam a Vells Pedrich & Gonçalves e a Demaria & Schutel, terras no mencionado rio Tijucas, duas léguas quadradas ao todo, para nellas estabelecerem colonias, na qualidade de emprehededores.

Nas terras de Vells & Comp. colono algum fôra estabelecer-se, luctando os emprehededores com toda a casta de difficuldades, inclusive a da medição de terras, por falta de pessoa competente que a fizesse; tinham, além dessas, comprado elles outra porção de terras nas immediações do Trombudo, entre os rios Santa Clara e Canôas, que destinaram para uma fazenda pastoril e agricola.

A colonia de Demaria & Schutel, que veio a denominar-se *Nova Italia*, e depois *D. Affonso*, estava situada nas margens do rio Tijucas Grande, cinco léguas acima da sua fôz. Esta colonia ficou quasi abandonada em consequencia das correrias dos bugres.

Apezar de tudo isso a população da provincia subio de 56.000 almas, que posssuia em 1835, a 57.484.

Com o accrescimo da população augmentou tanto a importação como a exportação: a importação em 1836-1837 fôra de 37.925\$827 e a exportação fôra de 43:175\$079.

No dia 2 de Janeiro de 1837 chegava á cidade do Desterro o tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira, nomeado presidente de Santa Catharina, e tomou posse no dia 24.

Em officio datado do dia seguinte, e dirigido ao Conde de Lages, então Ministro da Guerra, em que communicava-lhe a sua posse, declarava que encontrara a provincia em estado tranquillo, devido, não só á indole pacifica dos seus habitantes, como tambem á bôa administração do vice-presidente commendador Francisco Luiz do Livramento.

Vimos em capitulos anteriores que, em consequencia dos acontecimentos occorridos na Laguna, haviam sido submettidos a conselho de guerra o major Sepulveda, o ajudante Laurentino, o 2º. tenente Varella e o cadete Marques. Apezar da perseguição movida pelo odio do tenente-coronel Lisbôa, que procurou alliciar testemunhas, buscando por todos os meios reunir factos e provas contra os accusados, chegando, até, a tentar tolher-lhes os meios de defeza, foram elles absolvidos.

Submettidos, de novo, a conselho de guerra, novamente viram-se absolvidos, sendo confirmada essa sentença por decisão do Conselho Supremo Militar de Justiça em 14 de Dezembro de 1836.

Apóz quasi um anno de prisão, foram aquelles officiaes postos em liberdade, e tendo de recolher-se ao seu corpo, ponderaram ao presidente da provincia, commendador Livramento, que não poderiam servir sob as ordens do tenente-coronel Lisbôa, pois muito seria de temer o seu resentimento e despeito, por ver baldados os seus irtentos.

A esse respeito officiou Livramento ao Ministro da Guerra, em 14 de Janeiro de 1837, lembrando-lhe que Sepulveda era distincto official, com estudos profissionaes e que assáz util seria se fosse empregado na direcção das obras das fortificações da provincia, e os demais officiaes tambem poderiam ser aproveitados na fortaleza e em instrucção á Guarda Nacional na arma de artilharia, visto não haver tropa de linha na provincia que a substituísse nesse mistér. A 9 de Fevereiro o Ministro da Guerra mandou recolher esses officiaes á Côrte.

A lei de 22 de Outubro de 1836 fixára, de 1º. de Julho de 1837 em diante, em 200 menores o numero de addidos ao Arsenal de Guerra da Côrte, onde aprenderiam um officio mechanic. Em aviso circular de 14 de Janeiro de 1837, o Conde de Lages fixava em oito o numero de rapazes que Santa Catharina teria de remet-

ter, e como conviesse ao governo elevar esse numero ao dobro, lembrava ao commendador Livramento que poderia obter autorização da Assembléa Provincial para fazer á custa da provincia a despeza de outros aprendizes.

Essa medida não teve a efficacia que era de esperar, pois a população da provincia vivia receiosa e desconfiada de todas as promessas do governo, que julgava illusorias e só buscava um unico fim, o de desfarçadamente fazer um simples recrutamento sem estardalhaço, sem dar nas vistas do povo ingenuo; comtudo dois rapazes, Feliciano Nunes Pires e Filastro Nunes Pires, sobrinhos de Feliciano Nunes Pires, ex-presidente de Santa Catharina, e então Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro, foram apresentados por seu pai a Machado Oliveira, que os fez embarcar com destino á Côrte, a bordo do brigue *Minerva*. Em aviso de 18 de Janeiro, o Conde de Lages mandara recolher á Côrte todos os officiaes que se achassem em Santa Catharina, em consequencia do que embarcaram-se no referido brigue *Minerva*, para se apresentarem ao quartel do commando das armas da Côrte, o tenente coronel Luiz Manoel de Jesus, alferes Antonio Marianno de Almeida Coelho e Jacintho Machado de Bittencourt, todos avulsos.

Em officio de 28 de Fevereiro, Machado pedia ao Conde de Lages, que, caso não fosse empregado na Côrte o tenente-coronel Jesus, o remetteste para Santa Catharina, onde os seus serviços eram proficuos e onde elle grangeára a estima publica, pela sua conducta.

Como já tive occasião de dizer, os uniformes dos officiaes do exercito eram assaz dispendiosos, pelo que muitos trajavam fardetas e jaquetas ou á paizana, mesmo em estabelecimentos militares, onde se tolerava essa irregularidade. Desejando pôr termo a isso, o Conde de Lages permittio, por aviso de 22 de Fevereiro de 1837, aos militares em geral, o uso de um fardamento ligeiro, composto de sobrecaçaca de roda, feita de panno azul, com uma ordem de botões lisos, avivados de cordões de lã preta grossa e tendo a gola alta e sem distinctivo algum; nos punhos galões pregados em angulo obtuso, com o vertice virado para o alto; chapéo armado e espada curva presa em talim de couro preto envernizado.

Além dos dois rapazes Feliciano e Filastro, que com destino ao Arsenal de Guerra seguiram no bergantim *Minerva*, de propriedade de José Maria do Valle, seguiram tambem para o Arsenal de Marinha os rapazes Joaquim Alberto de Oliveira, Ireno Ricardo Luiz, João Ribeiro Nunes, Manoel Joaquim de Jesus, Francisco

Antonio Pereira, Miguel Antonio de Abreu, Manoel Francisco do Espirito Santo, Jacintho Antonio Garcia e Nilo João Antonio.

Mais tarde, no Patacho *Segredo*, mestre Alexandre Antonio Soares, tambem seguiram com o mesmo destino tres menores, um dos quaes filho do capitão Amaro João Pinto, de Cannavieiras, e os outros dois seus proximos parentes. Dois mezes depois, a 5 de Abril, tinha o mesmo destino o orphão Seraphim da Silva, que embarcou no brigue *Maria*, mestre José Antonio Cabral.

Os bugres continuaram a infestar o Itajahy, embaraçando o desenvolvimento das colonias. A 18 de Fevereiro de 1837 o major Agostinho Alves Ramos officiou a Machado de Oliveira, comunicando-lhe terem sido encontrados rastros frescos de bugres na margem esquerda do rio Itajahy e outros na margem direita do Itajahy-Mirim, julgando-se por ahi que elles passariam o rio Luiz Alves, sahindo nas Piçarras, ou na direcção do Camboriú.

Para mostrar como já naquella época Santa Catharina éra a residencia favorita dos officiaes reformados, basta dizer que em 80 dias, de 30 de Dezembro de 1836 a 2 de Março de 1837, dezeseis officiaes reformaram-se em Santa Catharina e ahi fixaram residencia; eram elles: reformados por decreto de 30 de Maio de 1836: majores Manoel José de Mello, Cypriano Coelho Rodrigues e José Antonio Guerra; capitães Antonio Agostinho Capistrano, Bernardino da Trindade Feijó e Silva e José Honorio de Souza; alferes Alberto Victor Bion, Domingos Marques Guimarães, Antonio Bernardino Carneiro, João da Silva Barbalho, Pedro Fernandes e Vicente José Corrêa.

Pelo decreto de 9 de Fevereiro de 1837 foi reformado o tenente de 1.^a linha avulso João Antonio Torres Aronche; finalmente, pelo decreto de 20 de Março desse mesmo anno, reformaram-se o coronel da extincta 2.^a linha Joaquim Soares Coimbra, e os tenentes avulsos de 1.^a linha Henrique Etur e José Bonifacio Caldeira de Andrade.

(Continúa).

Entre os homens dá-se o mesmo que entre os lobos: é preciso não cahir para não ser devorado pelo bando.

Nada é mais proprio para corromper a sociedade do que tolerar nella a maledicencia.

Não se transige com as proprias paixões: é necessario dominar-as ou ser escravizado por ellas.

GEOLOGIA DE SANTA CATHARINA

POR CARLOS VAN-LEDE

(Continuação da pag. 305)

A duzentos metros das suas nascentes os rios são navegáveis e os seus leitos estão separados uns dos outros pelas pequenas ondulações que formam a planície denominada *Campos da Vaccaria*, *Campos de Cima da Serra*. Destes rios apenas sabe-se a direcção geral que tomam e que são navegáveis: a respeito dos nomes ha tal confusão nos documentos que consultámos, que não podemos orientarmo-nos. Como quer que seja, se por uma feliz circumstancia se fendesse a Serra Geral em a distancia de 200 metros, ou d'ahi para cima, poder-se-hia facilmente passar de uma para outra encosta da Serra Geral e talvez organizar-se uma navegação seguida, primeiramente até o Paraguay, e depois pelo Pilcomayo e Vermejo até os Andes. Finalmente, communicar nesta via navegavel, com a grande de que fallámos, entre o Prata e o Amazonas, pela paragem de Villa-Bella de Matto Grosso. Ora, ao ver dos engenheiros e viajantes portuguezes, uma tal circumstancia dá-se em as nascentes do Itajahy-Grande; e bem que em os nossos dias não possa ter exito tão colossal empreza, para o futuro ha de vir a realizar-se; e toda e qualquer tentativa, que se fizer com este intento, não será baldada, por que estamos convencidos que a navegação do Rio da Prata, em razão dos dois povos independentes e rivaes, que são senhores das margens, terá constantemente embarços; e que afóra isto, ha de ser tão difficil ir ao Paraguay pelo Prata, como subir pelo Itajahy-Grande e descer pelo Uruguay até ao Paraná, que póde-se communicar com o Paraguay por curto canal.

Ilha de Santa Catharina. — A Ilha de Santa Catharina está situada entre as linhas 27 e 28º sul: é bastante elevada, de sorte que, estando o ar limpo, é avistada a 15 léguas no mar. Olhada de léste, afigura duas ilhas visinhas, em vez de uma; e só de perto é que se vê que as duas montanhas, que formam as extremidades norte e sul, estão unidas por uma planície, que não apparecia por estar encoberta pelo horizonte. De qualquer parte que se estude a sua formação geologica, notam-se differentes grupos: ao norte distinguem-se quatro; o primeiro começa na Ponta Rasa e acaba na ponta das **Flechas**; o segundo, na parte que faz frente á **Ilha**

do Xavier; o terceiro, que é o maior, começa na freguezia de S. Francisco, e vai terminar na do Ribeirão; e o quarto, que comprehende a capital, fórma com o precedente o delicioso valle que está entre Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora das Necessidades. Ao sul vê-se um só grupo, mais elevado do que os do norte, e com muitos contrafortes, que lhe dão um aspecto escabroso.

Os navios que demandam doze pés de agua pôdem circular-a inteiramente, esperando em alguns logares que a maré esteja cheia. Toda a costa é boa e tem numerosos ancoradouros, sendo que os do norte e sul dão ancoragem a qualquer navio, por maior que seja.

Tem varios pequenos rios, que não seccam em tempo algum do anno; e duas lagoas, uma junta ao terceiro grupo descrito acima, e outra — a **Lagoinha**, em o grupo do sul.

Portos e Bahias. — O ancoradouro do **Porto de S. Francisco**, de que já fallei, foi mal escolhido, apesar de ter bastante profundidade, por não estar abrigado dos ventos dominantes, que são os NE. e NNE. Foi por engano que o barão Roussim disse no seu *Piloto do Brazil* que este rio é pouco profundo. Bem longe disto, estamos convencidos que para ao diante ha de vir a ser um dos portos mais frequentados da costa, porque provavelmente a villa de S. Francisco ha de vir a mudar de sitio, e a cabeça deste districto se estabelecerá em outra posição que se preste ao desenvolvimento a que o destina o futuro desta provincia.

Ilhas Garcias. — Já fizemos ver que entre estas ilhas ha um excellente ancoradouro para todo e qualquer navio que se apresente.

A bahia de **Itapocoroy** é um bom abrigo dos ventos sudoeste e oeste. O seu ancoradouro é junto á lha **Liria**, onde pôde-se fazer aguada. Foi outr'ora muito frequentada, no tempo da pesca das balêas, e havia alli então uma *armação*.

Adiante desta bahia está o porto do **Itajahy**, de que já fallámos. Entre a ponta da Cabeçuda e da Cabeçuda-Grande, ha uma pequena bacia, abrigada dos ventos sul e sudoeste; mas muito perigosa de penetrar-se com os ventos de norte e léste, que sopram ahí com impetuosidade.

Camburiú. — Na foz deste rio ha um outro pequeno porto, pouco frequentado e quasi desconhecido. Diz-se que é um bom ancoradouro, ainda para os navios que demandam mais agua; mas os cachopos que formam a ponta do Camburiú tornam-o algum tanto perigoso, emquanto se não fizer um molhe.

Na linda bahia de Garopas está o porto de **Porto-Bello**, perfeitamente abrigado dos ventos, e no qual os navios pódem atracar ás pedras.

Com 13 a 20 metros de agua, as grandes frotas podem ancorar com toda a segurança. E' assáz fundo e não tem o menor escolho, como observei com o Sr. Fontene, delegado da sociedade commercial de Bruges, sondando-o e percorrendo-o em todas as direcções.

Mais para o sul está a **Bahia dos Tijucos**, que é muito menos profunda.

Não descreveremos a bahia de Santa Catharina, que já foi perfeitamente descripta no excellente trabalho publicado em o ministerio do conde Regny, pelo Sr. Barral, capitão de corveta, como pôde-se ver na *Hydrographia Franceza* n. 780. Sem pretendermos corrigil-o, procuramos completal-o, e no fim deste volume acharão um plano hydrographico desta magnifica bahia, que quasi rivalisa com a do Rio de Janeiro, a melhor que se conhece. Acrescentamos-lhe a parte da costa que está comprehendida em 27 e 28° de latitude austral, em a qual se acha o porto de **Porto-Bello**, de que damos os metros de profundidade. Diremos aqui que esta costa permite que atraquem mui perto quaesquer navios sem o menor perigo, e offerece tres ancoradouros: um ao norte, na praia do **Inglez**, atraz das ilhas **Moleques**; outro central, na praia da Lagoa, entre as ilhas Aranhas e a ponta de Galheta; e outro ao sul, na bahia do **Pantano**.

Ao sul da ilha está a bahia de **Garopaba**. E' pouco conhecida, e se lhe encontram ainda os restos de uma antiga armação.

Mais adiante acha-se a bahia de **Imbituba**, que parece levar vantagem á de **Garopaba**. Tem igualmente uma armação. E' pouco frequentada e ha dois para tres annos abrigou uma pequena esquadra brasileira, que apoiava as forças imperiaes que sitiavam a villa da Laguna, de que os rebeldes do Rio Grande se tinham apoderado.

Finalmente, a **Laguna** é o ultimo porto ao sul do littoral desta provincia. A sua entrada é perigosa para os navios que demandam mais de dois metros de agua. Sondámol-a e estudámol-a, e cremos que é susceptivel de grande melhoramento, a ponto de ficar com 10 metros de profundidade; mas seria mistér dar novas disposições á lagôa, o que é de certo um trabalho ponderoso, sobre que voltaremos talvez para ao diante, mas que só em uma Memoria especial poderá ser tratado devidamente.

(Continúa).

HYGIENE POPULAR

(Continuação da pag. 314)

Os órgãos do nosso corpo não são inimigos entre si : soffrem conjunctamente e, quando o mal deixa um, não é para localizar-se em outro. A observação superficial dos factos é que levou a estabelecer este prejuizo, que tanto mal tem causado á pobre humanidade.

Não receieis de applicar os cuidados de limpeza mais minuciosos **em todas as molestias e a todos os doentes** Sob o fundamento de não se fazer “ recolher a molestia ” dispensamo-nos, em geral, dos banhos, e vivemos em relativa immundicie, quando atacados de certas enfermidades.

Pelo conhecimento que se possui das funcções da pelle é facil deduzir as regras elementares da hygiene.

E' necessario que banhos frequentes mantenham o corpo em perfeito estado de limpeza. Devemos tomar banhos diariamente, dos pés á cabeça, e em agua fria.

Esta loção geral deve ser feita rapidamente e em alguns minutos. Mau grado do que pensam os friorentos, esta applicação fria sobre o corpo, ainda impregnado do calor da cama, é melhor supportada nesse momento do que quando baixa a temperatura do corpo ; e a reacção benefica que se opera em seguida dá-nos uma impressão de bem-estar e de vigor que compensa largamente o pequeno desagrado da sensação que se sente ao entrar na agua.

Esta medida hygienica devia ser applicada e é applicavel a todos — ás creanças e aos adultos, aos doentes e aos que gozam saude.

Não exige e não reclama installação especial. Certamente os privilegiados de dinheiro podem proporcionar-se uma bôa sala de banhos, jactos de duche, etc, o que é mais commodo. Mas é preciso convencermos-nos de que o facto de sermos pobre não é motivo para não cuidarmos seriamente da limpeza do corpo. A saude é o nosso unico capital e temos portanto o dever, por nós e por nossa familia, de seguir com attenção os conselhos de hygiene, evitando tudo quanto possa perturbar a saude.

A' parte os casos especiaes em que a lavagem com sabão é necessaria, o uso da agua quente, para banhos, deve ser absolutamente banido, salvo quando ha prescripção medica.

Devemos-nos deter um pouco a estudar a acção da agua fria, afim de se ficar bem convencido da sua utilidade.

* * *

Em 1818, um camponez da Silesia, conduzindo uma carreta,

foi derrubado por um coice de cavallo. A carreta lhe passou sobre o corpo, e, além dos ferimentos produzidos na cabeça pelo coice do animal, ficou com algumas costellas partidas. Os medicos, ao que se disse, consideraram o caso como desesperado, e o camponez foi quasi que abandonado. Mas o infeliz não desanimou. Veio-lhe á idéa applicar sobre as partes pizadas pedaços de pannos embebidos em agua fria, renovados constantemente. A cura foi rapida e completa. Elle contou o caso a diversos e foi applicando o tratamento a quantos lhe pediam indicações.

O camponez silesiano chamava-se Vicente Priesnitz. Actualmente muitas pessoas applicam as compressas de Priesnitz sem conhecer-lhe as origens, ou suppõem que Priesnitz é o nome de um medico illustre.

A agua fria applicada sobre a pelle produz, ao principio, uma sensação desagradavel, um tremor de frio; os vasos sanguineos se contrahem e o sangue é affastado para as partes interiores do corpo; o coração, surprehendido pela primeira impressão nervosa, bate mais forte; a respiração torna-se curta e offegante ás vezes. Mas, immediatamente após a esses phenomenos, vem outros que mostram a acção benefica e tonica da agua fria: o sangue afflue á periphèria do corpo, a pelle torna-se vermelha e quente; os musculos ficam mais fortes e sentem necessidade de movimento; o sangue circula mais livremente nos vasos dilatados; o coração mostra-se confortado e bate mais facilmente; a respiração torna-se facil, longa e profunda; todo o corpo sente uma sensação de bem estar e de força, do que participam naturalmente o cerebro e o espirito. Após a applicação da agua fria as idéas negras desaparecem e a calma do systema nervoso é perfeita.

Uma experiencia que se pode fazer diariamente no lar: as crianças, principalmente as pequeninas, têm muitas vezes horas de verdadeiro máu humor. Tornam-se insatisfeitas, tristes, imperitinentes, a ponto de suporem os paes que se trata de signaes percursoros de enfermidade. Pois bem, não hesiteis. Despi a criança, passai-lhe sobre o corpo uma esponja ou uma toalha molhada em agua fria, e após ligeira fricção, vesti-a sem demora. Mudança rapida se operará! Em alguns minutos o máu humor terá passado, a alegria terá succedido aos choros... a criança transtorna-se immediatamente e completamente...

(*Continúa.*)

Para serdes fortes, sejais puro. — **Michelte.**

Cartas a um materialista sobre a pluralidade dos mundos habitados e as questões que a ella dizem respeito.

POR JULES BOITEUX

2ª. parte

21ª. Carta

Qual é o fim do homem? Consequencias da crença materialista.

(*Continuação da pag. 328*)

O progresso que prosegue nosso século é duplo, e suas duas maneiras de ser são connexas e solidarias; consiste primeiramente, como dizeis a mais das vezes, na extensão indefinida de nossos conhecimentos, ou na successão continua de nossas conquistas sobre a natureza; e em segundo lugar, na applicação, a um numero de homens cada vez maior, dos beneficios resultantes dellas, o que constitue o progresso social.

Eu digo « *a um numero de homens, cada vez maior* », pois é isto o que nos é permittido esperar de melhor. Se nos fosse possível convidar todos os nossos irmãos, sem excepção, a um igual gozo destes bens artificiaes, supprimiríamos deste modo o progresso social, parariamos ao mesmo tempo o curso progressivo de nossas fecundas acquisições. Em outros termos, o gozo destas vantagens sempre crescentes nunca pôde ser accessivel na mesma medida a todos os humanos, pela razão de que o aperfeiçoamento da nossa industria, de que dependem, implica a desigualdade das condições sociaes. Qual é, com effeito, a principal causa desta progressão indefinida de nossos bens e de nossas conquistas; o que é que suscita todas as iniciativas individuaes pelas quaes elle se effectua, se não é a nossa tendencia natural a nos elevar de algum degráo na escala commum o necessario das riquezas, do bem estar, da consideração ou de autoridade? Uma causa essencial do progresso que se pröduz em todos as obras humanas e cujo espirito de emulação, mais ou menos apparente, que nos anima é a liberdade de que goza cada um de nós de exceder os seus rivaes na proporção dos seus meios. E' aqui, vêdes, que a doutrina de Darwin acha sua verdadeira applicação.

Assim a concorrência, e consequentemente a desigualdade de successo e de fortuna, é a condição necessaria dos membros de uma sociedade progressiva. Restringi a concorrência de qual-

quer modo que seja : reprimi, de um ou de outro modo a ambição natural de cada um de nós : parareis logo a mola de toda a nossa industria, e igualai, se poderdes os membros da familia humana, conservai-a á força ao mesmo nivel e, suprimindo assim o progresso social, reduzireis a nada este outro genero de progresso que faz o fundamento de todas as vossas esperanças.

Ella é pois necessariamente imperfeita — e esta proposição é alem disso evidente por si mesma — a constituição de uma sociedade susceptivel de um progresso qualquer ; pois é preciso que uma parte de seus membros aproveite mais amplamente, e em uma proporção variavel, além disso, dos productos da industria commum, emquanto que a outra parte, em grãos diversos, terá sobretudo porsorte executal-as ao preço dos seus suores ; é triste, é afflictivo, sem duvida alguma, mas é inevitavel ; o homem deve-se resignar a soffrer esta iniquidade quando renuncia á vida solitaria para gozar das vantagens da vida social que, apesar de tudo, conserva-se mais clemente para elle do que a miseravel condição do estado selvagem,

Ora, se a humanidade — e por esta palavra é-me bastante comprehender esta grande fracção da familia humana que occupa a frente della e que uma mesma fé religiosa penetrara profundamente do espirito de igualdade fraternal — si a humanidade chegasse a repudiar a esperança de uma vida melhor e professar oficialmente que colloca aqui em baixo seu fim ultimo, não estaria mais em seu poder supportar tão chocantes desigualdades ; ella os reprovaria já em nome de seu sentimento innato do justo e do perfeito, seus instinctos se revoltarião : o que não farião os outros ? de que não seria capaz, sendo desencadejada e legitimada pelo ensino materialista, esta detestavel paixão da cobiça e da inveja, que têm causado tanto mal ao mundo, ainda mesmo que tivesse seu contrapeso na esperança religiosa de uma igualdade posthuma e na severa moral que della decorre ?

Sustento aqui uma proposição, que não se demonstra ao espirito, mas cuja verdade se faz sentir claramente á nossa experiencia ; eu faço exaltar um effeito da religião christã sobre o coração humano, que tornou-se para elle um apanagio inalienavel. O christianismo chamou todos os homens, sem distincção de classe, a um mesmo futuro e lhes deu uma semelhante esperança de felicidade : si esta ambição indestructivel de nossa alma não se applica a um mundo superior, é preciso que ella encontre sua satisfação neste. Estando admittido que esta vida terrestre só tem para coroamento uma outra existencia bemaventurada e perfeita

para cada um de nós, o unico regimen admissivel para a sociedade dos homens é o de uma igualdade completa e permanente; é preciso, no final de contas, que entre todos os membros de uma mesma familia, entre todos os cidadãos de uma mesma patria haja uma repartição rigorosamente exacta de todos os bens e de todos os gozos, bem assim dos labores que os produzem; é necessario mesmo que esta distribuição seja periodica, senão diaria, de tal maneira que ninguem possua nada mais de seu e de uma maneira definitiva. As aspirações que se manifestam neste sentido em torno a nós não são, credel-o bem, uma vã e accidental aberração dos espiritos: ellas decorrem justamente de um erro capital que diz respeito ao nosso ultimo destino. Mostrarvos-ei mais adiante que depois do naufragio de nossa fé religiosa este regimen igualitario seria, elle proprio, impraticavel, e não poderia subsistir; de qualquer modo que seja, referindo-me ao que estabeleci anteriormente, devo comprovar que uma tal sociedade seria essencialmente estacionaria, a igualdade imposta a todos seus membros estando excluida do progresso. Se, pois, retiraes á humanidade sua esperanza da vida futura, não nos falleis mais dos esplendidos horisontes que entrevêdes para ella aqui em baixo; foise o seu magnifico futuro terrestre; e desde que não vos attribuis-tes outro fim senão o dos puros animaes, nossa sociedade, fosse elle ainda possivel e duravel, não poderia ser senão immutavel e improgressiva como as proprias obras dos animaes.

Achaes esta curta demonstração insufficiente? E' nos facil fortifical-a baseando-nos sobre as tendencias positivas de um grande numero de vossos semelhantes. — O materialismo doutrinario sonha, sem duvida alguma, uma renovação radical da sociedade, e o meio pelo qual elle espera conseguir já se accusa claramente; se o numero de seus cegos predicadores continuasse a crescer segundo a progressão que observamos de vinte annos a esta parte, seus effeitos subversivos não se fariam esperar por muito tempo e se desenvolveriam talvez em uma espantosa celeridade.

(*Continúa.*)

Como se destroe o cupim

A applicação mais proveitosa para isso é a do arsenico em pó (Rosalgar), espalhado sobre o cupim, cujo formigueiro deve ser previamente destruido. O local ficará livre da praga destruidora.

A democracia será moral, ou não existirá. — **Horace Mann.**

Provisão de 5 de Junho de 1815

(Campos de Araçatuba)

D. João, por graça de Deos, Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber a vós Juiz de Fóra, officiaes da Camara da Ilha de Santa Catharina, que sendo-me presente, por occasião das informações e diligencia a que, com audiencia do Procurador da Fazenda dessa Ilha, mandei proceder, sobre o requerimento em que o Governador della, D. Luiz Mauricio da Silveira, me pedio por sesmaria os campos de Araçatuba, que estes campos haviam sido concedidos para o uso publico e pastagem dos gados dos moradores da mesma Ilha, pela provisão régia de 24 de Março de 1728, e mandados conservar neste mesmo uso pelas provisões de 2 de Maio de 1732, declarando-se nellas as sesmarias que em parte dos mesmos campos haviam concedido dois diversos Governadores da Capitania de S. Paulo, e attendendo ao que me representarão os moradores dessa Ilha sobre a publica utilidade e necessidade que dos ditos campos têm, e ao mais que se me expôz em consulta da Mesa do meu Desembargo do Paço, em que foi ouvido o Desembargador Procurador da minha Real Corôa e Fazenda, com informação de Desembargador Juiz dos Feitos della, conformando-me com o parecer da dita Mesa, por minha immediata solução de 26 de Abril deste anno, fui servido excusar o sobredito requerimento do Governador e mandar, como por esta vos mando, que vades investir-vos na posse dos referidos campos de Araçatuba, a bem dos moradores dessa Ilha e seu Termo, na forma que lhes foi concedida pelas provisões acima citadas, dando-me conta de assim haverdes executado, e de ficar esta registrada nos livros competentes dessa Camara e nos da mencionada Provedoria da Real Fazenda. Cumpri-o assim. O Príncipe Regente Nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Ministros abaixo assignados, do seu Conselho e seus Desembargadores do Paço. — João Pedro Maynard da Fonseca e Sá, o fez no Rio de Janeiro, a 5 de Junho de 1815. — Bernardo José de Souza Lobato, fez escrever. — Francisco Antonio e Souza da Silveira. — Monsenhor Miranda.

Esquece-se, quando se fala da grandesa e da decadencia dos povos, que as causas desses grandes acontecimentos são puramente moraes. — **Prévost-Paradal.**

Calar a verdade é occultar o mal — não supprmil-o. — **A. Thiers.**

BIBLIOGRAPHIA

Canal livre entre mares livres. —

(These Wilmart) — pelo Dr.
Argêu Segadas Machado Gui-
marães.

O notavel sociologo argentino Dr. Raymundo Wilmart instituiu, por intermedio da *Revista Argentina de Ciencias Politicas*, um premio ao melhor trabalho que se apresentasse, escripto em hespanhol, portuguez, italiano, francez, ou inglez, sustentando a these: — o uso dos canaes que põem em communicação mares livres pertence á comunidade internacional, podendo, apenas, o Estado perfurador cobrar razoaveis direitos de transito, como compensação ás sommas em taes obras empregadas.

Sob o lemma de Ulpiano — *Mare commune omnium est* — o nosso compatriota Dr. Argêu Segadas Machado Guimarães, do Rio de Janeiro, apresentou a esse concurso um estudo em que condensou, com admiravel methodo de concisão, em bom portuguez donairoso, a interessante materia, já vastissima, da these Wilmart, mostrando grandes conhecimentos como historiographo e apreciavel competencia como internacionalista.

O jury designado para o julgamento das obras apresentadas — e composto de tres summidades do mundo intellectual argentino, os professores Eduardo L. Bidau (da Faculdade de Direito e Sciencias Sociaes de Buenos Aires), Joaquim V. González (da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes da Universidade de La Plata), e José del Viso (da Faculdade de Direito e Sciencias Sociaes da Universidade de Córdoba) — acolheu a producção do nosso patricio com a distincção de que se tornou digna e conferio-lhe a honra do primeiro lugar, por *verdictum* de 5 de Janeiro de 1914.

Desse notavel trabalho, que foi publicado posteriormente no *Jornal do Commercio* e *Revista de Direito*, do Rio de Janeiro, vem de ser-nos offertado, pelo autor, um elegante exemplar, impresso em Buenos Aires a expensas do instituidor do concurso.

Santa Catharina — Paraná. — (Im-
postos Inter-Estadoes) —
por Crispim Mira.

Nas fileiras do que se têm dedicado á defesa dos interesses de Santa Catharina prezos ao irritante desaccordo a que nos força a injusta teimosia do Paraná, o Sr. Crispim Mira vem occupar um lugar de relevancia com o opusculo recém-editado nas officinas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

O intelligente escriptor conterraneo munio-se de alguns certificados da extorção fiscal com que o Paraná nos defrauda ha varios decennios; hauriu larga messe de dados historicos em documentos officiaes dos dois Estados litigantes; e, à luz das lições do nosso mais reputado constitucionalista — o Dr. Ruy Barbosa — e dos julgados do nosso mais erudido conselho de jurisprudencia — o Supremo Tribunal Federal — produziu eloquentes argu-

mentos, que firmam indestructivelmente o thema do opusculo : — invocado, em acção regular, pelos lezados, o Poder Judiciario Federal decretará a restituição das taxas cobradas pelo Paraná sobre a herva matte que passa para Santa Catharina e sobre as mercadorias que o visinho Estado recebe do nosso.

Boa linguagem moderada; excellente methodo expositivo; evidente preocupação de servir aos interesses catharinenses — taes são os attributos desse ultimo trabalho do talentoso jornalista patricio.

LIMITES ENTRE ESTADOS

O *Paiz*, do Rio de Janeiro, publicou em sua edição de 27 de Novembro o seguinte :

« A proposito do “echo” que hontem publicamos sobre o tribunal de arbitragem nas questões de limites entre Estados, recebemos de distincto catharinense a seguinte carta :

“ Illustrado Sr. redactor — Sobre a sentença final na questão de limites entre os Estados de Minas e do Espirito Santo, annunciada para breve, fazeis referencias á mesma contenda existente entre os de Santa Catharina e Paraná e incitais a que ambos tenham identico proceder.

Permitti, illustrado Sr. redactor, que vos lembre que em 1896 foi accordado, por proposta de Santa Catharina ao Paraná, o estabelecimento das bases para a solução á questão por um arbitro, devendo nesse sentido legislar os respectivos Congressos e ser a sentença homologada pelo Supremo Tribunal Federal, afim de evitar que qualquer delles não se submettesse á sentença pronunciada.

Foi escolhido para arbitro o preclaro brasileiro Dr. Manoel Victorino Pereira.

Por occasião de requererem os dois Estados por seus advogados, o sempre lembrado conselheiro Manoel da Silva Mafra e o Dr. Ubaldino do Amaral, ao presidente do Supremo Tribunal Federal, ser admittidos, assignar o compromisso, não julgou o egregio juiz presidente que o mesmo tribunal fosse competente para intervir nos termos estabelecidos pelos Estados litigantes.

Em vista disto, perante aquelle tribunal foi proposta por Santa Catharina a acção de reivindicação, resolvida a seu favor. Só espera Santa Catharina a execução da sentença.

Muito agradece a publicação e subscreve-se etc. — *H. Boiteux*, capitão de mar e guerra.”

Os povos fenecem pela perda da moralidade; e por isso devemos todos trabalhar para remodelar a sociedade, dando-lhe por norma a justiça. — **Ziegler.**

Que vos daria ?

“ Se tiverdes, um dia, um capricho, Senhora,
Um capricho, um delirio, uma vontade, emfim
Não exijaes o carro azul, que monta a aurora,
Nem da estrella da tarde o plaustro de marfim.

Nem o mar, que murmura, e ahi vai por mar em fóra
Nem o céu d'outros céus elo de céus sem fim ;
Que se isto fosse meu, já vosso, ha muito fóra,
Fóra vosso, o que é grande, e anda em torno de mim

Mostrasseis num só gesto ingenuo um só desejo ;
O Universo que vejo, e os outros que não vejo,
Soffreriam por vós vosso ultimo desdem.

Que fariéis dos sóes, grãos vis de arêas d'ouro ?
Mulher, pede-me um beijo, e verás o thesouro
Que um beijo encerra e o amor que um coração contem !!!

Luiz Delfino.

CORVETA "DIANNA"

ROMANCE MARITIMO, ORIGINAL BRAZILEIRO

POR

A. VON HOONHOLTZ

(BARÃO DE TEFÉ)

(Continuação da pagina 551)

— Ou cousa que o valha, accrescentou Ricardo, tomando uma pitada.

— Intriga?... Mas de quem esperar um acto tão vil e infame? perguntou Fernando.

— Eu pela minha parte de ninguem desconfio, nem perco cousa alguma com isto — disse Adriano. — Vejam agora a minha vantagem em estar ausente da familia e não ter nada que me agarre por aqui; é a compensação.

— Ao contrario, tu ganhas até com a mudança, retorquiu o commissario, porque em paiz estrangeiro os vencimentos são quasi duplicados.

— Então são *quadruplos!* murmurou o doutor, com ar de riso.

— Isso de quadrúpedes, *tibi solis*, retorquiu o commissario, que estava a alguma distancia.

— Deixem-se de gracejos, nem a occasião nem o assumpto despertam vontade de rir, disse o commandante, e, dirigindo-se ao official que ainda não conhecemos: — Sr. immediato, mando receber o que nos falta, envergar o panno de brim e meia lona, e que amanhã ao pôr do sol estejamos promptos a fazer de véla; pretendo sahir á meia noite. Sr. Fernando, accrescentou, voltando-se para o official de quarto, — tenha a bondade de mandar apromptar a canôa.

O guarda marinha transmittio a ordem ao guardião, que deu um longo apito rematado por um trinado, e, poucos momentos depois, o escaler azul largava para terra com Octavio. Os officiaes seguiram as manobras do commandante e tambem foram logo á terra nas suas aguas, depois de cada um haver recebido mil recados e encommendas do guarda marinha, que ficára desesperado com a noticia.

Alfredo e Gustavo dirigiram-se a tarde á chacara do Dr. Carvalho, afim de não perderem um momento da amavel companhia de tão carinhosas amigas. Quando lá chegaram viram com surpresa que alguns operarios trabalhavam num arco triumphal por cima da ponte, collocavam lampeões no portão, e pregavam pelos portaes da casa pequenos arcos de arame destinados a essas lampa-

rinas de vidros corados, ordinariamente usados nas illuminações campestres; os moços vendo aquelles apréstos adivinharam uma festa e pois combinaram nada dizer sobre a intempestiva partida da *Diana*; comtudo, não podendo Gustavo reprimir a sua curiosidade, e feitos os cumprimentos do estylo, interpellou Quinóta, dizendo:

— Vejo que as senhoras vão dar uma grande festa, sem duvida por ocasião d'algum feliz consorcio? e lançou um olhar significativo sobre Rosinha.

— Enganou-se, Sr. adivinho, retorquiu Rosinha, é apenas um modesto *soirée* que meu pai offerece amanhã aos seus amigos para festejar o decimo oitavo anniversario de Amelia; elle foi á cidade inda ha pouco convidar as familias de nossa amizade e me parece escusado accrescentar que os Srs. tem os primeiros lugares na lista dos convidados. —

— Muito agradecido, minha senhora. —

Os dois jovens sentaram-se junto ao sofá, e Amelia, encaminhando-se ao piano, começou a remecher nas musicas; Alfredo tornou a levantar-se pressuroso e, chegando-se a ella:

— Minha senhora, vai dar-nos o gosto de tocar alguma cousa?

A moça fez um signal affirmativo, escolheu uma musica, collocou-a na estante e dispoz-se a tocar; o tenente encostou-se levemente ao piano, em posição de virar a folha, e olhando para a musica leu: — *Ernani, Ernani involami.* —

— Muito bem, esta é a minha favorita. —

— E' tambem a minha, disse a moça. — Ah, Sr. Alfredo, se o Sr. soubesse quanto me é cara esta ária! que recordações se despertam em mim quando a executo!!!...

— Então por que, minha Senhora? —

— Por que?... Sr. Alfredo...! o Sr. me pergunta por que?... porque sou mulher e tenho memoria e... coração, e porque o Sr. é homem, tem muito em que se distrair e por isso esquece facilmente as cousas!...

— Basta D. Amelia, até hoje nunca trocamos uma só palavra a respeito do nosso primeiro encontro naquella linda madrugada em que a vi como a imagem vaporosa de solitária virgem, com os negros cabellos esparsos sobre as niveas roupas e meditando talvez nos mysterios da natureza; aquelle quadro poetico ficou-me profundamente gravado na imaginação, de envolta com o canto arrebatador do final desta ária, que eu vinha cantando para quebrar a monotonia do caminho e que até então não tido para mim

senão os encantos da musica. Quem sabe se a mesma lembrança lhe occorre todas as vezes que repete os sons melodiosos do Ernani?

— E' isso mesmo, exclamou a moça, com os olhos radiantes de prazer. Pois bem, Sr. Alfredo, agora estou mais contente, por ver que o Sr. sente como eu, e portanto merece toda a confiança e estima que lhe consagro.

— Perdão, replicou Alfredo, mas permitta-me que por minha vez duvide um pouco da confiança que a senhora D. Amelia diz depositar em mim; eu lhe tenho communicado todos os passos de minha vida como se a senhora fosse... quem?... fosse o que na realidade não é para commigo; vejo-a ha alguns dias preocupada como se alguma affecção moral atormentasse o seu espirito, e no emtanto a senhora guarda a maior reserva e procura com um sorriso forçado occultar-me o motivo dos seus pezares!

— Então ainda não achou a musica, D. Amelia? — perguntou Gustavo, com intenção, — ha mais de meia hora que sou todo ouvidos e ainda nem si quer uma nota chegou até cá.

A bella menina fez correr os dedinhos sobre o teclado e começou a tocar a ária.

— Logo, disse a meia voz, tenho muito que lhe contar.

Nunca essa partitura fôra executada com mais expressão nem achára naturezas mais dispostas a ouvi-la; cada tecla movida pelos delicados dedinhos da moça desprendia um som terno e mavioso, que ia repercutindo por todas as fibras d'aquellas duas almas ternas e apaixonadas. Finda a peça Gustavo desfez-se em elogios á insigne pianista, e o melancolico Alfredo disse apenas um — muito bem — que para ella teve certamente mais valor do que os applausos e ovações com que por ventura fosse victoriada por uma numerosa assembléa de *diletantis*. Amelia não quiz tocar mais, apesar dos muitos rogos de Gustavo, e procurando um meio de esquivar-se ás instancias e pedidos, propoz um passeio á chacara; acceita a proposta sahiram para o jardim em companhia das outras senhoras e ahi, Alfredo, conduzindo Amelia e Quinóta, deixou Gustavo, com Rosinha e Chiquinha, mas pouco adiante. A estreiteza das ruas não permittia um passeio de tres pessoas á vontade, por isso Chiquinha e Quinóta deram o braço uma á outra e foram caminhando na frente, o que foi em alto gráo apreciado pelos dois pares que tantas cousinhas tinham a communicar-se. Amelia, porém, passeiava calada e pensativa, de modo que o moço, ardendo em curiosidade, não poude conter-se por mais tempo.

— D. Amelia, disse, julgo que não teremos outra occasião mais favoravel para a senhora desabafar-se e dar assim uma prova da confiança que diz depositar em mim.

— Desejo fazel-o, Sr. Alfredo, mas o Sr. comprehende que não tendo eu com quem me aconselhe, devo temer que esta minha confissão seja indiscreta, e portanto, para contar-lhe tudo será preciso queo Sr. me prometta uma cousa que lhe vou pedir.

— E poderei eu recusar-me a um pedido seu, quando mesmo esse pedido demande um sacrificio? perguntou o moço, com ternura.

— Então hade jurar-me pela sua honra que evitará toda e qualquer contenda com a pessoa que eu lhe nomear, ainda mesmo que soffra della uma ou outra pequena desatenção.

— Oh! que pedido, D. Amelia; mas emlim diga o nome dessa pessoa, é...

— E' o sr. Dionizio dos Santos. —

— Mas quem é esse individuo? perguntou o official, e pareceu reflectir.

— E' aquelle homem baixo, sem bigode e de suissas negras, que estava sempre junto a mim no *soirée* do coronel Roberto, e de quem o Sr. me perguntou o nome.

— Sim, já me lembro, um homem que lhe fazia a côrte e que me virou as costas quando eu a comprimentei? um homem que me desfeiteou a primeira vez que o vi, e é desse sujeito que eu hei de continuar a soffrer insultos sem exigir uma reparação, sem poder repellil-os, porque a senhora aprecia e tem em muita conta as suas homenagens... e por isso faz-me jurar que suppôrte como um humilde cão os castigos que elle me infligir, e afague ainda a mão que brandio o azorrague!...

— Ora, Sr. Alfredo, eu não disse isto!... —

— Pois bem, ainda não me considera na figura desse humilde animal, accrescentou elle com ironia, porque para isso seria preciso que a metempsychosis fosse uma realidade, mas já sei, o que a senhora quer é que, se eu receber delle uma bofetada lhe apresente submisso a outra face, como manda a Escriptura; é isso só o que exige de mim?"

E o mancebo estava livido como a morte, e seu olhar desvairado tinha alguma cousa de sinistro.

(Continúa).

A elevação do homem sem mérito

... Nem as artes, nem as sciencias, nem as republicas hão mistér dos serviços de homens que não nasceram para exercer as primeiras, para cultivar as segundas, para administrar as ultimas.

Se os homens tivessem menos orgulho, vaidade e ambição, e mais alguma tintura de modestia, e mesmo de um amor proprio mais delicado, as republicas seriam mais bem servidas, e não veriamos tanta gente elevada que, para interesse seu e do publico, nunca deveria passar da esteira em que a natureza a collocára marcando-lhe expressamente o seu destino pelo talento e pela habilidade que lhe déra.

O nosso século apresenta, nesta materia, uma carreira tão pouco delicada, que desafia a indignação e o riso dos homens sisudos e cordatos. Vemos que hoje cada um se constitue juiz do seu mérito pessoal, e que o não julga devidamente considerado e premiado emquanto ha uma vantagem a conseguir, uma honra a lucrar, um interesse a haver, um degrau a subir na escada da jerarchia social.

Os antigos esperavam que os chamassem para os cargos; os modernos procuram-os. Os antigos, ainda depois de chamados, hesitavam muitas vezes, meditavam consigo, ajudavam-se do conselho dos amigos, olhavam para o pezo do emprego e para a capacidade dos hombros, entendiam-se com o céu, e não eram poucos os que acabavam por agradecer a mercê, sem se poderem resolver a acceptal-a. — Agora, qualquer homem, que não tem muitas vezes outra importancia senão a que elle mesmo dá a si, julga-se azado para tudo, e trabalha para se collocar onde a ambição e a vaidade proprias lhe dizem que é o seu logar.

As circumstancias dos tempos fazem muitas vezes reputações que nunca existiram, nem existiriam para todo o sempre, a não ser o poder magico e creador das mesmas circumstancias. Vale hoje um homem, de uma *apoucadissima mediania*, porque vende, a quem quer que o tire da sua obscura e devida posição, a sua *omnimoda* cooperação.

Alguem, que precisa destes *manequins*, comquanto conheça a sua nullidade, considera-os, ajuda-os, facilita-lhes a elevação, e vai rindo ás escondidas dos miseraveis, e fazendo os seus *arranjos*. Os nossos homens, cujo relevante mérito está cifrado no seu orgulho e no seu descomedido atrevimento, tufam a buchecha, alteam o sobrolho, regulam methodicamente o movimento dos olhos, concertam os ademães, mesuram o passo, compassam as fallas e reputam-se umas notabilidades, que ainda merecerão uma estatua, ou ao menos um epitaphio honroso que os distinga lá no campo da igualdade. Quem os ajudou vai bem; tira o seu interesse, tem os seus escravos, e, emfim, lá sabe o seu jogo. A republica, porém, e aquelles que os soffrem, é que não vão da mesma sorte — a republica, porque é mal servida; e os que os soffrem, porque são victimas da sua ineptidão.

Os que estão de fóra vendo a representação começam de rir a panno cheio, e vão dizendo uns para os outros, fazendo uma engraçada parodia dos versos de Miguel do Couto Guerreiro: -

“Elles têm para emprego tanto succo
Como para sollista tem o cuco.”

Moralista.

Tem seu attestado na voz do povo o grande depurativo do sangue Elixir de Nogueira, do pharmaceutico *Silveira*.

Elixir de Nogueira, devido á sua acção depurante, é considerado como um verdadeiro tonico.

Indice do volume III

A

Antonio Vieira (Padre) — A Política, 114.

As roseiras — 180.

A guerra Européa — 212.

As guerras nos ultimos tres séculos — 216.

A lenha do eucalypto — 280.

B

Barão de Teffé — A Corveta Diana — 27, 58, 92, 124, 156, 188,
252, 284, 316, 348, 379.

Bittencourt Rodrigues (Dr.) — A appendicite e o vinho, 175, 220.

Bibliographia, 377.

C

Crispim Mira — A doutrina de Monroe — 33.

Comarcas e Termos da Provincia de Santa Catharina, 152.

Como se evita que entrem moscas em casa, 170.

Carlos Van-Lede — Geologia de Santa Catharina, 200, 231, 271,
303, 368.

Contra os mosquitos 20, 263.

Cura da hydropisia, 300.

Camillo Castello Branco — Vaidades humanas, 336.

Creação da Casa de Expostos na Villa do Desterro, 240.

Conselho aos lavradores, 345.

D

Divida passiva do Estado de Santa Catharina, 186.

D. João V e o Clerigo Pretendente, 249.

E

Entre o Brazil e a Europa, 18.

Emile Faguet — A Moral profissional, 144.

F

- Fausto Cardoso** — A Penna, 88.
 Ferro e outros metaes em S. Francisco, 104.

G

- Gama Rosa** — Fritz Müller, 86.
 Gallo-Gallinha, 145.
Garcia Redondo (Dr.) — A prophesia de um louco, 161.
G. A. Mann — O pensamento, 230.

H

- Henrique Boiteux** — Republica Catharinense, 24, 51, 74, 115,
 147, 171, 206, 246, 268, 337.
 » » — Monsenhor Duarte Mendes de Sampaio, 55.
 » » — O cavallo brasileiro, 153.
 » » — Thermas do Cubatão, 260.
 » » — Naufragio do paquete á vela *Jaguaribe*, 301.
 » » — Episodio Historico, 321.
 » » — Patrimonio do Hospital da Laguna, 342.
 » » — Cultura do Linho, 353.
 » » — Limites entre Estados, 378.
Heitor Luz — Maternidade de Florianopolis, 43, 97.
 » » — O problema intellectual, 204.
 » » — Mimetismo, 279.
Horacio Nunes — Hymno do Estado de Santa Catharina, 89, 120.

I

- Instituições de Caridade subvencionadas, 205.

J

- José Rabello** (Dr.) O Monge, 5.
José Johanny — Imaruhy, 9.
 » » — Theotonio de Oliveira, 277.
Josephina V. Boiteux (D.) — Natal a bordo, 17.
José Boiteux (Dr.) — Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond, 19.
 » » — Notas Historicas, 65.
 » » — Politica Catharinense, 193, 225.
Jean Richepin — Diagnostic, 50.

Jeronymo Coelho — De Porto Alegre á Laguna, 134, 165, 209, 234.

José Ribeiro Monteiro da Silva (Dr.) — A bananeira nas molestias, 281.

Jules Boiteux — Cartas a um materialista, 325, 373.

L

Luiz Delfino — Primeira lagrima, 26.

» » — Eras do Amor, 57.

» » — Deus, 91.

» » — A Venus loura, 123.

» » — Peleja inutil, 155.

» » — Tantalo, 187.

» » — Ella, 219.

» » — A cidade da Luz, 251.

» » — Vida e morte, 283.

» » — ESCRINIO, 315.

» » — O cão da Terra Nova, 347.

» » — Que vos daria? 379.

La Fontaine — Le geae paré des plumés du paon, 164.

Lucas A. Boiteux — O mar catharinense, 289, 329, 355.

M

Meio de não estalarem os vidros de candieiro, 37.

Molière — Le tartufe, 111.

M. N. Fonseca Galvão — Carvão de pedra, 121.

Moralista — A elevação do homem sem merito, 383.

N

Notas, 32, 63, 9, 128, 160, 192, 224, 256, 288, 320, 352, 388,

O

O record da velocidade sobre a agua, 8.

O assucar antiseptico, 42.

O que ignoramos, 54.

Oliveira Lima — A Corte de D. João VI, 69.

O Carvão de Pedra, 121.

O Foro Catharinense em 1913, 174.

Octaviano Ramos — No sonho e nesta vida, 181.

Os tres recibos, 278.

O uso do limão, 282.

O pão de batatas, 311.

P

- Paiz sem mendicidade, 264.
 Pensamento de um viajante, 314.
 Primeiro Congresso de Historia Nacional, 335.
 Pão de farinha de mandioca, 344.
 Provisão de 5 de Junho de 1815, 376.

R

- Raul Pompeia** — O Mar, 31.
 Retalhos, 62.
Rodolpho von Brause — Canal da Laguna ao Rio Mampituba, 102.
 Receita e despeza de Santa Catharina, em 1913, 186.
Ruy Barbosa — Mentira, furto e trafico, 336.

S

- Santa Catharina — Paraná, 6.
Sully Prudhomme — Le pardon, 16.
 « » — Le Songe, 240.
 Signaes do tempo, 25.
Samuel Gomes Pereira (Dr.) — Nucleo colonial em Araranguá, 129.

T

- Tobías Becker** — Os Farrapos em Santa Catharina, 1, 38, 81, 106, 137, 168, 213, 239, 264, 306, 362.
Terwagne (Dr.) — Hygiene popular, 140, 178, 217, 243, 275, 312, 371.
 Travessuras do sol, 267.

U

- Uma borboleta por 24.000\$000, 31.
 Um aparelho para pezar a carga de um navio, 56.
 Um catharinense distincto, 90.
 Um producto chimico catharinense, 185.

V

- Visconde de S. Leopoldo** — Provincia de Santa Catharina, 21, 47, 78, 112.
Victor Hugo — A Judith Gautier, 88.
 « » — Aspect de la famille, 133.
Visconde de Castilhos — O universal beber, 165.
 Valor da exportação do Estado de Santa Catharina em 1913, 182.
Villas Boas (Coronel) — Noções topographicas e militares, 257.

JOSÉ JOHANNY

ADVOGADO

Encarrega-se de cobranças e de quaesquer assumptos de sua profissão, nos municipios de Laguna, Tubarão, Urussanga, Jaguaruna e Imaruhy.

ESCRITORIO: PRAÇA LAURO MULLER

— LAGUNA —

TYPOGRAPHIA
PATRIA

IRMÃOS BAINHA
LAGUNA

Nesta bem montada officina executa-se com promptidão e esmero, todo e qualquer trabalho concernente á arte, como sejam: impressão de livros, revistas, jornaes, cartões de visita e commerciaes, enveloppes commerciaes e de officio, memorandums, notas, facturas, letras de cambio, notas promissórias, papéis para cartas, avulsos e em blocks; papel para officios, talões, participações de nascimento e de casamento, procurações, certidões, traslados de escripturas, guias de pagamento de impostos, etc.

Trabalhos artisticos e preços commodos.

Pautação e riscação

Fabrica de carimbos de borracha

Com a maior presteza e perfeição, executa-se quaesquer encommendas de carimbos de borracha, pelo systema americano, que é o melhor d'entre todos

“Mutualidade Catharinense”

(SOCIEDADE DE SEGUROS DE VIDA POR MUTUALIDADE)

Estatutos approvados, autorisada á funcionar na Republica pelo Decreto nº. 10784 de 25 de Fevereiro de 1914 e fiscalisada pelo Governo Federal.

A « Mutualidade Catharinense » é uma sociedade de auxilios mutuos, com o fim principal de garantir o futuro da familia de seus associados, facilitando o

PECULIOS DE RS. 4:000\$000 À RS. 50:000\$000, quando as séries de socios tiverem attingido ao numero de 2000 1500 e 500, de accôrdo com a tabella abaixo, ou correspondente ao numero de socios inscriptos se a série não estiver completa.

A sua manutenção é garantida pelos proprios socios, fazendo-se sómente chamadas de entradas, proporcionalmente ás séries, quando se der o fallecimento de algum de seus membros.

A sociedade é puramente mutua, não tem accionistas, por isso distribue annualmente aos seus associados

Sorteios e rateios em dinheiro,

deixando uma parte dos seus lucros para Fundo de Reserva.

Das sociedades congeneres a « Mutualidade Catharinense » é a que maiores vantagens offerece aos seus associados, pois tanto a joia de entrada como a contribuição por fallecimento de socios são relativamente modicas, garantindo assim por pequenas quantias um seguro ao alcance de todos, proporcionando o bem estar da familia.

Para segurança dos associados a Mutualidade exige exames medico

QUADRO DEMONSTRATIVO DAS SÉRIES

Séries	Nº. de Mutualistas	Idades	Peculios	Joja	Contribuição por fallecimento
1ª.	2.000	20 á 55	20:000\$000	100\$000	15\$000
2ª.	1.500	20 á 55	10:000\$000	50\$000	10\$000
3ª.	2.000	20 á 55	4:000\$000	25\$000	3\$000
Especial	500	20 á 55	50:000\$000	200\$000	125\$000

DIRECTORI :

Presidente Procopio Gomes de Oliveira; Thesoureiro Eduardo Schwartz; Gerente Victor Celestino de Oliveira.

CONSELHO FISCL :

Dr. Francisco Tavares da Cunha Mello Sobrinho; Ignacio Lazaro Bastos; Eugenio Moreira.

SÉDE SOCIAL: JOINVILLE — E. DE SANTA CATHARINA

Agente e banqueiro nesta comarca: advogado José Johanny

CARL HOEPCKE & COMP.

FLORIANOPOLIS

Machinas e artigos technicos

REPRESENTANTES DE:

R. Wolf, Magdeburg-Buckau:— Locomoveis e semi-fixas a vapor saturado e privilegiadas a vapor superaquecido. Caldeiras de vapor. Bombas centrifugas. Helices.

Gasmotoren - Fabrik Deutz, Colonia - Deutz s/Rheno:— Motores a gaz, gaz pobre, kerozene, gasolina, alcool, etc. Motores Diesel. Motores maritimos. Motores combinados com bombas. Dynamos, etc.

Kirchner & Comp., Leipzig - Sellerhansen: Machinas para lavrar madeira, para marcineiros, para constructores de carruagens, para fabricas de barricas, etc.

Crenstein & Koppel - Arthur Koppel Soc. An., Berlin:— Material para vias-ferreas portateis e fixas de bitola larga e estreita. Locomotivas, vagões para passageiros e cargas, vagões para todos os fins industriaes. Construcções de ferro. Dragas.

Machinas de todos os systemas para a agricultura e beneficiar café, arroz, etc. Moinhos. Moendas para assucar, etc.

Machinas e ferramentas para funileiros, ferreiros, marcineiros, machinas para padeiros e todos os outros ramos de profissão e industria.

Mantemos em deposito:

Mancaes para transmissões, lubrificadores, correias, oleos, graxas gachetas, canos de ferro, cobre e chumbo, valvulas, torneiras bombas, todos os artigos para abastecimentos de agua e para luz electrica, artigos sanitarios, banheiros, lavatorios, latrinas, caixas de descarga, lustres, arandellas, lampadas de filamento metallico, fio de cobre isolado. Trilhos, dormentes, desvios, vagões, rodados, etc.

TODOS OS ARTIGOS PARA USO A BORDO DE NAVIOS

Vinho Biogenico

Vinho que dá vida

Para uso dos *convalescentes*, das *puerperas*, dos *neurasthenicos*, dos *dyspepticos*, *arthriticos*.

Poderoso tonico estimulante da *Vitalidade*, o VINHO BIOGENICO—é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista *uma melhora de nutrição*, *um levantamento geral das forças*, da *actividade psychica* e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas *convalescenças*, nas *molestias depressivas e consumptivas*, *neurasthenia*, *anemia*, *lymphatismo*, *dyspepsia*, *adynamia*, *cachexia*, *arteria sclerose*, etc.

Reconstituente indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. O VINHO BIOGENICO augmenta a quantidade e melhora a qualidade do leite. E' um poderoso medicamento bioplastico.

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade, no Estado e no Deposito Geral.

PHARMACIA E DROGARIA DE

Francisco Giffoni & Cia.

RUA 1^ª DE MARÇO 17 — RIO DE JANEIRO

Mutualidade Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA PREDIAL

Séde social — S. PAULO

Todo homem tem a nobre preocupação de formar um peculio que lhe suavize os encargos da vida e garanta o futuro da sua familia.

O seu ideal é possuir uma casa de moradia, que, embora modesta, seja sua e tranquillize-o sobre o dia de amanhã.

A MUTUALIDADE BRAZILEIRA

veio satisfazer a esse ideal, fornecendo aos seus associados os meios de se tornarem proprietarios, sem sacrificios e suavemente.

Para informações com o representante nesta cidade

Olavo Magalhães

Valentiniades
Valériso Sabote de Souza